



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

Corpo, Gênero e Sexualidade: uma vivência discente.

Isabele Pinheiro Cruz, UFRJ (NIDES/SOLTEC), isabelepinheiro@ufrj.br

Mylene Vicente da S. Moreira, UFRJ (NIDES/SOLTEC), mylenevicente.ufrj@gmail.com

Ana Lilyan de Lima dos Santos, UFRJ (NIDES/SOLTEC), analilyan.2913@gmail.com

Larissa Gomes Fernandes da Costa, UFRJ (NIDES/SOLTEC), larihgf1@gmail.com

Rhaissa B. D. do Nascimento, UFRJ (NIDES/SOLTEC), rhaissanascimento@gmail.com

Vitória Santos de Almeida, UFRJ (NIDES/SOLTEC), vitoriaalmeidaep@gmail.com

Carolina G. de A. Netto Paciello, UFRJ (NIDES/SOLTEC), nettocarolina@yahoo.com

Arthur Sant'anna V. da Silva, UFRJ (NIDES/SOLTEC), arthursantanna@letras.ufrj.br

Scarlet Mary da Cruz Pinto, CEM, scarletm.cem@gmail.com

Rose Cristina dos Santos Trovão, CEM, rosetrovao19@gmail.com

Fernanda Santos Araujo, UFRJ (NIDES/SOLTEC), fernanda.s.araujo@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

EIXO TEMÁTICO: UNIVERSIDADE, ENSINO NA ENGENHARIA E EXTENSÃO.

RESUMO

O curso de extensão Corpo, Gênero e Sexualidade (CGS), criado pelo projeto de ensino, pesquisa e extensão intitulado Tecnologia, Trabalho e Cuidado (TTC), vinculado ao Núcleo de Solidariedade Técnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SOLTEC/UFRJ), em parceria com o Centro de Integração da Serra da Misericórdia (CEM) — organização comunitária autogerida por um coletivo de mulheres negras, localizada na Terra Prometida, uma comunidade em processo de consolidação no conjunto de favelas da Penha, no Rio de Janeiro. O TTC tem o intuito de debater os conceitos mencionados em seu título, partindo de uma ótica decolonial e interseccional. Neste artigo será apresentada a origem do curso como uma resposta à demanda do território — na qual meninas, entre 12 e 15 anos, gostariam de um espaço de diálogo sobre o tema. Além disso, será abordada a análise das questões de corpo, gênero e sexualidade na sociedade, o programa e desenvolvimento do curso, os resultados e as projeções futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Gênero. Sexualidade. Curso. Adolescentes.



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

CONTEXTO

O projeto Tecnologia, Trabalho e Cuidado (TTC), vinculado ao SOLTEC/UFRJ, originou-se como pesquisa de mestrado (2020) e consolidou-se como iniciativa tripartite que articula formação, ação e transformação social. Nesse viés, estabeleceu parceria com o Centro de Integração da Serra da Misericórdia (CEM) — organização comunitária liderada por mulheres negras na favela da Penha (RJ) —, adotando uma perspectiva decolonial para investigar as relações entre tecnologia, trabalho e cuidado, alinhando-se a ações locais de garantia de vida em contextos de vulnerabilidade.

Uma das frentes de atuação do CEM é a Escola Popular de Agroecologia (EPA), que atende as crianças da comunidade. Nesse espaço de educação ambiental e popular, elas têm acesso aos materiais pedagógicos que enaltecem conceitos agroecológicos e coletivos, além dos saberes afro-brasileiro, indígena e quilombola, que são fundamentais para construção de um conhecimento antirracista, crítico e sustentável. De forma a estar sempre disposto a contribuir para o território, o TTC acolheu a demanda da comunidade em debater e refletir temas que atravessam a infância e adolescência, sendo um momento crítico para o crescimento. Assim, nasceu o curso “Corpo, Gênero e Sexualidade”, que teve como público-alvo cerca de 8 meninas da EPA, de 12 a 15 anos. Para uma melhor compreensão da necessidade e significado do curso, é preciso destrinchar as definições que o norteiam e o contexto sócio-territorial.

A adolescência, segundo a OMS (1965), é um período entre os 10 e 20 anos marcado por transformações físicas, hormonais e sociais. Essas mudanças impactam diretamente na construção da identidade e podem gerar dúvidas sobre si e sobre o mundo (BRÊTAS et al., 2011).

O corpo feminino, na adolescência, é um território de descobertas e obstáculos, repleto de transformações, em que essas modificações passam a ser refletidas pelas próprias meninas, mas que também pode ser observado, cobrado e silenciado por outras pessoas. Um exemplo é a chegada da menstruação, que em algumas culturas,



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

era um marco e acontecimento social mas, nos tempos modernos pode ser considerado um episódio ordinário e solitário. Da mesma forma, pode-se citar o desenvolvimento das características sexuais secundárias, alterações na composição corporal, além do crescimento e amadurecimento dos sistemas internos e dos órgãos reprodutivos. Partindo dessa transição corporal, já podemos identificar as questões de gênero que transpassam a vida de adolescentes (CAMPAGNA; SOUZA, 2006).

A imagem corporal é construída socialmente e passa por transformações significativas na adolescência, fase em que os padrões de beleza impostos pela mídia e pela sociedade ganham ainda mais força. Tais padrões costumam valorizar um ideal de corpo feminino associado à perfeição física (CAMPAGNA; SOUZA, 2006). A isso somam-se atributos considerados “femininos”, como delicadeza, obediência e instinto maternal, reforçando expectativas normativas de gênero (ALVES; OLIVEIRA, 2017).

Além dessas imposições, é importante lembrar que meninas e mulheres negras, sentem essas pressões de maneira ainda mais intensa. Seus corpos carregam não só as mudanças naturais da adolescência, mas também o peso de uma história marcada pela desigualdade, pelo racismo e pela violência. Muitas vezes, esses corpos são vistos com desconfiança, tratados com menos cuidado, amor e respeito, ou ainda, hipersexualizados desde muito cedo. Como afirma Arraes (2013), a forma como a sociedade olha para a mulher negra interfere diretamente na construção da sua autoestima e da sua relação com o próprio corpo. Já Carneiro (2002) aponta que ser mulher negra no Brasil é enfrentar, ao mesmo tempo, os desafios do racismo, machismo e da desigualdade social. Esse contexto não só afeta a mulher negra no meio social, sendo constantemente vítima de assédio e misoginia, mas também interfere no processo de autoconhecimento sexual, tanto nas relações sociais, quanto no que tange a intimidade e as descobertas sobre o próprio corpo.

Para além de corpo e gênero, a sexualidade é uma outra dimensão em que o adolescente pode se reafirmar na sociedade, sendo crucial levar em consideração o contexto social e cultural estabelecido, principalmente nessa fase em que há descobertas e formação de uma identidade própria (BRÊTAS et al., 2011). É importante



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

ressaltar que ao se referir sobre sexualidade, uma gama de temas estão dentro dessa categoria, como: formações afetivas, identidade de gênero, orientação sexual, respeito à diversidade, dentre outros (LIMA, 2025) — sendo essas citadas, as temáticas trabalhadas no curso. Nesse contexto, a diversidade de identidades que compõem a sigla LGBTQIAPN+ — lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não bináries e outras identidades dissidentes da norma heterocisgênera — amplia, ainda mais, a necessidade de refletir sobre os direitos, os afetos e os corpos que seguem sendo marginalizados (MONTEIRO; ROVAL, 2021).

Diante disso, torna-se evidente que discutir os conceitos de gênero, corpo e sexualidade não é somente abordar aspectos individualizados, mas reconhecer como essas dimensões são atravessadas por desigualdades sócio-históricas e raciais — especialmente por quem é marcado pela vulnerabilidade (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2011). Para meninas negras, público-alvo do curso, os impactos dessas intersecções se intensificam, produzindo experiências demarcadas pelas exclusão, controle e silenciamento (UNICEF, 2018). É nesse contexto que se insere a proposta do curso “Corpo, gênero e sexualidade”, como uma ação formativa e política voltada à construção de espaços de escuta, pertencimento e afirmação de identidades.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O curso de extensão “Corpo, Gênero e Sexualidade” (CGS) foi ofertado no segundo semestre de 2024, em resposta à demanda apresentada pelo parceiro CEM, que destacou a relevância da discussão sobre esses conceitos para os jovens do território da Serra da Misericórdia, no Complexo da Penha. Nesse sentido, a iniciativa surge como uma alternativa para aqueles que não poderiam participar das atividades regulares da Escola Popular de Agroecologia devido a faixa etária e por questões logísticas e estruturais. Diante desse contexto, foi dado início aos preparativos com a equipe TTC, que incluíram revisão bibliográfica e elaboração de um cronograma preliminar de aulas. Em seguida, conduziu-se um encontro com as jovens que desejavam participar do curso para integrá-las e dialogar com o que estava sendo



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

previsto, além de criarmos, em conjunto, um cronograma que abarcasse os temas que elas desejariam ter contato. Desse diálogo colaborativo, resultou no programa final, contemplando todos os temas de interesse, conforme exposto na tabela abaixo:

PROGRAMA DO CURSO

AULA	TEMA	DESCRÍÇÃO	REFERÊNCIAS
1	Corpo, gênero e raça.	Definições iniciais de sexo e gênero: homem x mulher; feminino x masculino; binarismo; papéis exercidos na sociedade.	Texto 1. ADRIÃO, Maria. et al. Adolescentes e jovens para a educação entre pares: Saúde e Prevenção nas Escolas. Texto 2. BELLO, Melissa C., et al. Vamos debater sexualidade?
2	Corpo, gênero e raça.	Meninas e mulheres negras:	Texto 1. Arraes. Jarid. A sexualidade da mulher negra. Texto 2. ADRIÃO, Maria. et al. Adolescentes e jovens para a educação entre pares: Saúde e Prevenção nas Escolas. Texto 3. Ministério da Saúde. Gêneros: adolescentes e jovens para a educação entre pares.
3	Ciclo menstrual.	Roda de conversa sobre ciclo menstrual: ciclo e as fases da lua;	Convidadas da Clínica Ana Maria Conceição dos Santos Correia.
4	Gêneros e diversidade dos corpos .	Para além do masculino e feminino:	Convidadas da UNIRIO e da UFRJ.
5	Gêneros e diversidade dos corpos.	Desvendando a sigla LGBTQIAPN+:	Texto 1. COLLING, Leandro. Gênero e sexualidade na atualidade.
6	Aula extra.	Oficina de cuidado	
7	Aula extra.	Feira de extensão do NIDES na UFRJ	

AULA 1: Definições iniciais de sexo e gênero



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

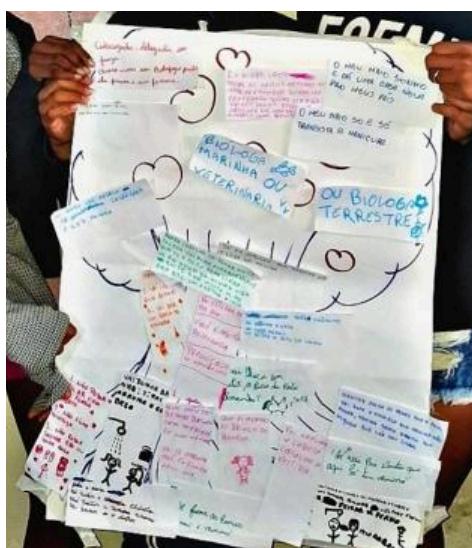
29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

Iniciamos o primeiro bloco “Corpo, gênero e raça” com a aula sobre definições iniciais de sexo e gênero com o intuito de acessar o que elas compreendem sobre esse tema. Para isso, demos início a aula com uma dinâmica que teve como base a “Oficina 1: um conceito chamado gênero” (Ministério da Saúde, 2010) sobre o que entende-se sobre “homem” e “mulher”, o que os definiam como “masculino” e “feminino” e as suas semelhanças. Nessa dinâmica, tornou-se nítido o padrão de papéis que a sociedade coloca sob esses corpos, onde o homem é visto como o provedor, líder e forte, enquanto a mulher é frágil, sensível e cuidadora, por isso, apresentamos e debatemos sobre gênero, identidade de gênero, binarismo e não-binarismo. No segundo momento, construímos uma árvore a partir de suas raízes, onde as meninas adicionaram o que ouviam na infância por serem meninas, e muitas relataram sobre o ideal de comportamento imposto, como ter uma maneira de sentar, cruzar as pernas, andar, brincar e até com o que brincar. Ademais, o tronco da árvore representa o presente delas, com as expectativas que recebem sobre vestir-se, comportar-se e cuidar da casa e dos irmãos, enquanto os meninos são “livres” desses estereótipos. Na aula seguinte, a árvore será concluída com as folhas e os frutos.

AULA 2: Meninas e mulheres negras

Figura 1 - Árvore finalizada. Na área do fruto, elas adicionaram o que desejam se tornar no futuro.



Fonte: Projeto Tecnologia Trabalho e Cuidado (2024)



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

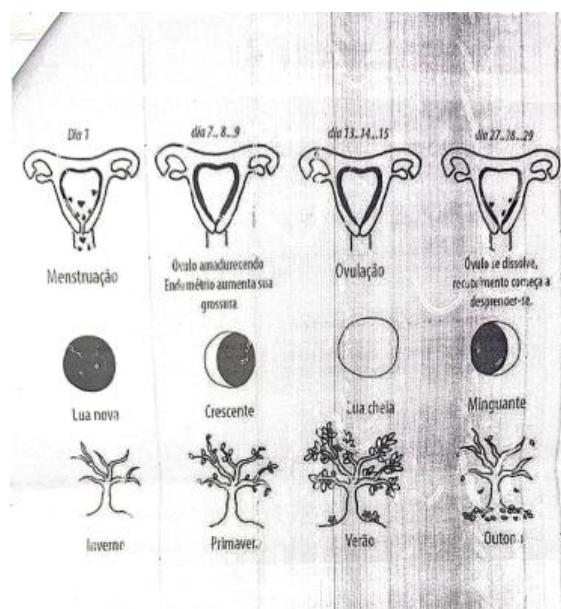
29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

Para essa aula, convidamos Gabrielle Figueiredo e Eloiza Coelho, estudantes de Psicologia da UFRJ, pretas e periféricas para trazer representatividade, e a partir dessa identificação, trazer novas possibilidades para as meninas. As universitárias iniciaram a discussão sobre temas como a hipersexualização e objetificação que ocorre no território e em como as meninas são afetadas através de comentários e assédios, tornando-se um momento de muita troca e desobstrução. Planejamos uma atividade sobre mulheres negras famosas, permitindo que elas explicassem sobre os seus trabalhos e a importância dele. Sendo também, uma forma delas se identificarem com uma série de mulheres, como Conceição Evaristo, Ludmilla, Lélia Gonzalez, Rebeca Andrade, entre outras. Para que pudessem refletir sobre as inúmeras formas de resistência e potência das mulheres negras na sociedade e principalmente em seu próprio território. Por fim, concluímos a atividade da árvore (Figura 1), cujas folhas e frutos representavam suas aspirações para o futuro, evidenciando que podem florescer em muitas direções.

AULA 3: Ciclo Menstrual

Figura 2 - Ilustração fazendo analogia entre o ciclo menstrual, as fases da lua e as estações do ano.



Fonte: Produzido pela médica convidada (2024)



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

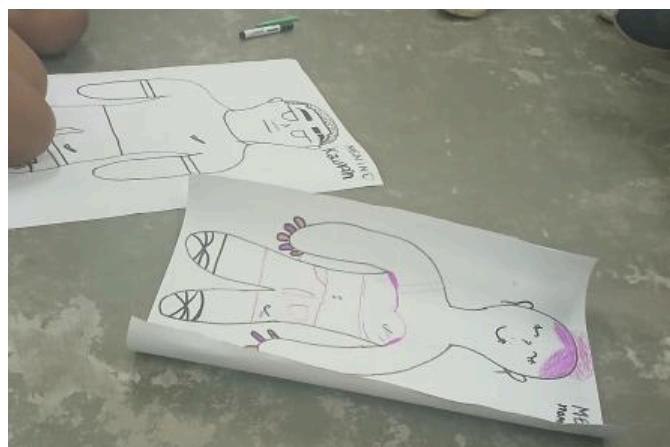
29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

Nessa aula contamos com o suporte das médicas e residentes da Clínica da Família Ana Maria Conceição dos Santos Correia, unidade de referência no território. A princípio, as meninas demonstraram certa timidez, mas com o tempo formularam perguntas sobre diversos temas, como: métodos contraceptivos, cuidados menstruais, cuidados com o corpo e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). As fases da lua foram usadas como analogia para explicar e compreender o ciclo menstrual (Figura 2). O tema dessa conversa se estendeu além do encontro — nos dias seguintes, novas dúvidas surgiram e as pessoas do território respondiam a elas. Com isso, começou-se a cogitar uma segunda aula sobre esse tema para que dessa vez nos aprofundássemos.

AULA 4: Para além do masculino e feminino

Figura 3 - Desenho produzido pelas adolescentes



Fonte: Projeto Tecnologia Trabalho e Cuidado (2024)

Essa aula introduziu o bloco “Gêneros e diversidade dos corpos”, e para ele convidamos o professor Bruno, homem gay e mestrando em pedagogia da UNIRIO e Gabriela, mulher trans que trabalha na UFRJ. Bruno convidou também Carol, sua colega do projeto de extensão MUTES, que aborda os temas de gênero e sexualidade. Bruno preparou uma aula lúdica, apresentando dois grandes esboços de silhuetas humanas e solicitando que as adolescentes as decorassem conforme suas compreensões sobre “características masculinas e femininas”.



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

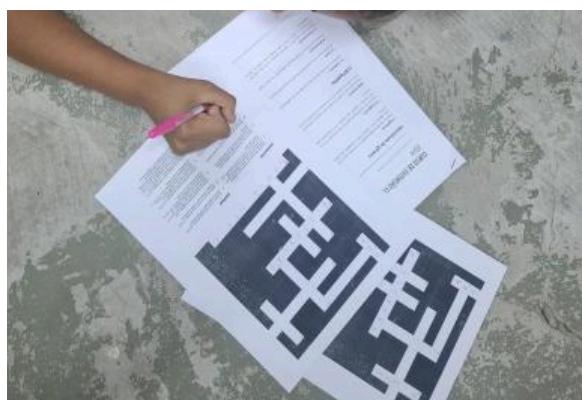
Campinas - SP, Brasil

Na Figura 3, os resultados refletiram padrões sociais convencionais de gênero. A atividade abriu espaço para discutir a construção social dos papéis de gênero e questionar a ideia de vestimentas exclusivas para homens ou mulheres. As jovens compartilharam vivências, dúvidas e desafios ligados às expectativas familiares, à pressão dos pares e à expressão da sexualidade.

AULA 5: Desvendando a sigla LGBTQIAPN+

Nesta quinta aula, ofertada por duas integrantes do projeto TTC, utilizamos como recurso um jogo de palavras cruzadas com as siglas LGBTQIAPN+ e um sumário sobre as identidades de gênero e as orientações sexuais, como nas Figuras 4 e 5. A atividade funcionou como um disparador para apresentar e discutir como esses conceitos se articulam com as vivências das participantes, considerando seu contexto territorial. Refletimos coletivamente sobre como as normas de gênero e sexualidade são cotidianamente reforçadas ou contestadas nesses espaços, promovendo uma análise crítica sobre diversidade e LGBTQIAPN+fobia. Esse encontro permitiu desmistificar termos que, embora presentes no dia a dia delas, muitas vezes não eram nomeados ou compreendidos de maneira mais ampla.

Figura 4 - Atividade realizada por uma das adolescentes. Na imagem consta as palavras-cruzadas e o sumário



Fonte: Projeto Tecnologia Trabalho e Cuidado (2024)



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular
29 a 31 de outubro de 2025
Campinas - SP, Brasil

Figura 5 - Palavras-cruzadas utilizada na atividade



horizontal	vertical
1. pessoa cuja atração sexual/sexual não é determinada pelos gêneros	
3. mulheres cuja sorte atração sexual/sexual por outras mulheres	2. pessoa que não se enquadre no binário de gênero masculino-feminino
5. anyone todos os possíveis gêneros e formas de expressões sexuais e identidades de gênero	
6. pessoa cuja anatomia não se encaixa nos padrões masculino ou feminino totalmente	4. pessoa que sente atração sexual/sexual por pessoas de diferentes gêneros
7. pessoa que não se reconhece dentro dos padrões estabelecidos	
9. pessoa que não se reconhece dentro dos padrões estabelecidos	8. homem cuja sorte atração sexual/sexual por outras homens
10. pessoa que não sente atração sexual/sexual sexual por outras pessoas	

Fonte: Projeto Tecnologia Trabalho e Cuidado (2024)

AULA 6: Oficina de cuidado

Para concluir o curso, compreendemos o significado de debatermos sobre a importância do cuidado, especificamente o autocuidado. Afinal, observou-se que muitas das adolescentes assumem precocemente o papel de cuidadoras — principalmente nas tarefas domésticas e no cuidado com irmãos mais novos — entretanto, não reconhecem a relevância de cuidar de si, para só assim, cuidar do outro.

Dessa forma, distribuímos materiais de bijuteria (Figura 6) para que criassem brincos, pulseiras ou o que quisessem, estimulando a criatividade e o autocuidado, em um momento feito por e para elas. Aproximando-se da conclusão do encontro, além desse gesto simbólico ao autocuidado, entregamos o certificado de participação do



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

curso e uma foto delas para que recordassem do momento que passaram juntas. E por fim, nos deram um retorno de como foi participar do curso e estar nesse ambiente, ressaltando o sentimento de serem ouvidas, respeitadas e acolhidas.

Figura 6 - adolescentes em interação com os materiais para criação



Fonte: Projeto Tecnologia Trabalho e Cuidado (2024)

AULA 7: Feira de extensão na UFRJ

Na última aula extra, aproveitamos a oportunidade da Feira de Extensão do NIDES, na UFRJ, proporcionando para as meninas um primeiro contato com a faculdade, conhecendo-a presencialmente. O parceiro do dia foi justamente o CEM. Acontecimento este, onde as meninas ficaram muito realizadas, vendo a potência das mulheres que trabalham, fazem parte e constroem a Cozinha Solidária e o CEM, mulheres reconhecidas não apenas pelas crianças do território, mas também por quem vem de fora (Figura 7). Realizamos uma pequena *tour* pela faculdade, utilizando o transporte que nos foi disponibilizado. Ao passar pelos prédios, apresentamos os cursos e explicamos o que se estudava em cada um. Esse encontro adicional serviu para incentivar que as jovens comecem, desde já, a imaginar e projetar a possibilidade de fazerem parte da universidade no futuro.



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

Figura 7 - adolescentes admirando a líder referência de seu território, Ana Santos.



Fonte: Projeto Tecnologia Trabalho e Cuidado (2024)

RESULTADOS

O curso foi realizado, por enquanto, em apenas um semestre. Mas planejamos ofertá-lo novamente, desta vez, ampliando o público para incluir também os meninos adolescentes do território, já que essa temática é de extrema importância para todos. Os convidados que contribuíram com o curso também manifestaram interesse em retomar o trabalho com esses assuntos em uma nova oportunidade. Os encontros foram muito importantes para o acolhimento e a escuta das vivências em uma fase da vida marcada pelo surgimento de múltiplas questões. Como extensionistas, sentimos que o curso possibilitou a construção de um vínculo entre nós e as adolescentes participantes. Por isso, seguimos comprometidos em promover espaços seguros, onde pensamentos, sentimentos e experiências marcantes de vida possam ser compartilhados com liberdade, respeito e acolhimento das diversidades e singularidades.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, M.; et al. Adolescentes e jovens para a educação entre pares: Saúde e Prevenção nas Escolas. **Ministério da Saúde**, Brasília, 1ª edição, 2010. Disponível em: http://www.unfpa.org.br/Arquivos/guia_generos.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

ALVES, C. F.; OLIVEIRA, M. R. L. G. “Não me chama de princesa”: o mito da fragilidade feminina e o desprincesamento em “As Meninas Superpoderosas”. In: II SEJA - Gênero e Sexualidade no Audiovisual, 2017, Universidade Estadual de Goiás. **Anais do II SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual**, 22 a 24 nov. 2017. ISSN 2595-6841. p. 36–49. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/seja/issue/view/293>. Acesso em: 14 jul. 2025.

ARRAES, J. A sexualidade da mulher negra. Portal Geledés, 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-sexualidade-da-mulher-negra/>. Acesso em: 3 jul. de 2025.

BELLO, M. C. et al. Vamos debater a sexualidade? Paraná: **Secretaria da Educação do Governo do Paraná**. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1_xvimM8wC4prvrgv7XvcHSaw9VnAV51M/view?usp=sharing. Acesso em: 5 jul. de 2025.

BRÊTAS, J. R. S. et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 7, p. 3221–3228, jul. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800021>. Acesso em: 6 jun. 2025.

CAMPAGNA, V. N.; SOUZA, A. S. L. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 56, n. 124, p. 9–35, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-5943200600010003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 jun. 2025.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. São Paulo: Geledés, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

COLLING, L. Gênero e sexualidade na atualidade. Salvador: **UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância**, 2018. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430946/2/eBook_%20Genero_e_Sexualidade_na_Atualidade_UFBA.pdf. Acesso em: 9 jul. de 2025.

COMITÊ DE ESPECIALISTAS DA OMS SOBRE OS PROBLEMAS DE SAÚDE DA ADOLESCÊNCIA; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Problemas de saúde da adolescência: relatório de um Comitê de Especialistas da OMS. **Genebra: Organização Mundial da Saúde**, 1965. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/38485>. Acesso em: 6 jun. 2025.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: PINTO, Céli Regina Jardim (org.). O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de



XX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Construindo uma Engenharia Decolonial para a Soberania Digital e Popular

29 a 31 de outubro de 2025

Campinas - SP, Brasil

Janeiro: Graal, 1984. Disponível em:
<https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/10316>. Acesso em: 19 jul. 2025.

LIMA, L. R. Narrativas de mulheres negras sobre afeto, autoestima e sexualidade. 2025. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Assis, 2025. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/47a2a6da-6758-4643-befd-630006587f37/content>. Acesso em: 9 jul. 2025.

MONTEIRO, Fernanda Ribeiro; ROVAI, Marta (org.). Gênero, sexualidades e relações étnico-raciais: um guia para o ensino de história. Alfenas: Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG, 2021. Disponível em:
<https://www.unifal-mg.edu.br/extensao/wp-content/uploads/sites/96/2021/11/LIVRO-UNIFAL-GENERO-E-SEXUALIDADE-ROVAI-MONTEIRO-2021-1.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2025.

UNICEF. Pobreza multidimensional na infância e na adolescência no Brasil. Brasília: UNICEF Brasil, 2025. Disponível em:
<https://www.unicef.org/brazil/media/32121/file/relatorio-pobreza-multidimensional-infantil%20-%20final.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2025.